



## **RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA ESCOLA ESTADUAL DOM PEDRO II NO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA – ARTES CÊNICAS UFOP**

Bárbara Gonçalves da Costa

Otávio Marlon dos Santos Silva

Samir Antunes da Silva

Neide das Graças de Souza Bertolini

### **RESUMO**

Este artigo apresenta algumas das experiências vivenciadas na Escola Estadual Dom Pedro II, localizada na cidade de Ouro Preto, estado de Minas Gerais, no Programa Residência Pedagógica Artes Cênicas, que se iniciou em novembro de 2022, quando fomos apresentado(a)s, Otávio Marlon dos Santos Silva e Bárbara Gonçalves da Costa, à comunidade escolar pelo professor Samir Antunes da Silva. A escola se localiza no centro histórico da cidade, que atrai centenas de turistas de diversos locais do país. O(a)s aluno(a)s que frequentam esta instituição são, em sua maioria, advindos das zonas periféricas ou dos distritos da região, por ser uma Escola de Ensino Médio de referência na cidade. Durante o ano de 2023, vivenciamos em salas de aula várias circunstâncias, estando em destaque, a falta de sentimento de pertencimento à escola e a cidade. Levando em consideração tais questões, foram propostas atividades que trazem a compreensão do corpo discente enquanto pessoas pertencentes à cidade e sua história. A necessidade desta proposta se baseia em análises realizadas nas turmas de Terceiro Ano do Ensino Médio, feitas por nós residentes do Departamento de Artes Cênicas da UFOP, visto que o número de adolescentes e pessoas de Ouro Preto que estão cursando ou pretendem cursar a universidade, é bem menor que o esperado. Sendo assim, diversas atividades com intuito de reflexão foram desenvolvidas com o(a)s aluno(a)s, entre debates sobre a complexidade da vida de uma pessoa ouro-pretana que pretende frequentar uma instituição pública de ensino superior, especialmente, daquela que leva consigo o nome dessa cidade.

**Palavras-chave:** Pertencimento; Ensino Médio; Zonas periféricas; Ouro Preto; Evasão.

### **INTRODUÇÃO**

Adentrando no meio escolar, desta vez como pertencente ao corpo docente, em conjunto com o professor preceptor Samir Antunes da Silva, iniciamos assim uma jornada no Programa Residência Pedagógica<sup>1</sup>, como residentes: Bárbara Gonçalves da Costa e Otávio Marlon dos Santos Silva. O processo tem se mostrado um grande aprendizado em relação a

---

<sup>1</sup> O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.



termos de políticas públicas inclusivas. Ao longo do primeiro bimestre – fevereiro a abril de 2023 – nesse ano letivo, foram acompanhadas as turmas do Terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Dom Pedro II, que mesmo sendo localizada no centro histórico da cidade de Ouro Preto, é composta por maior parte do corpo discente de moradores de regiões periféricas e zonas de risco da cidade, tendo somente no turno da manhã cerca de quinhentos alunos matriculados. Com pouco espaço nas salas e muito(a)s aluno(a)s para ocupá-las, grandes desafios vieram sendo observados a cada novo momento. O *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Lei nº 8.069/1990, mostra que a educação é, por lei, algo que todos nós temos o direito de usufruir, tendo acesso a escolas e educação pública. Porém, não basta estar matriculado(a)s, sem estar, de fato, aprendendo, visto que a falta de aprendizagem vai além do meio escolar, levando em consideração também os problemas familiares e sociais.

Analisando os investimentos realizados pelo Estado nos últimos anos, nos deparamos com escolas em estado de decadência, inclusive com problemas nos prédios, salários e, até a merenda escassa para o(a)s aluno(a)s. A baixa remuneração de educadores, acompanhada de métodos, por vezes, ultrapassados de ensino, trazem a desmotivação em adentrar as profissões que exigem formação escolar e acadêmica. A desvalorização da educação pública nos anos anteriores e o uso desmedido e sem controle de redes sociais, no contexto da atualidade geram um profundo descaso com a educação e os processos de ensino aprendizagem escolares. A escola não é somente um edifício construído e institucionalizado, é o conjunto de profissionais, de discentes, seus familiares, enfim, a comunidade escolar, entre as pessoas que trabalham em prol da educação pública de qualidade. Também há aqueles que subestimam o potencial da escola e de suas iniciativas na formação de pessoas.

Dessa forma, é inegável dizer que a docência no Ensino Público está ligada, de maneira intrínseca, a uma luta de resistência contra o sucateamento da educação, na qual o/a docente busca diariamente soluções palpáveis e possíveis para que a sala de aula seja um local de interesse para os/as discentes e que o processo de construção de conhecimento continue acontecendo no âmbito escolar. Assim, tendo em vista que a principal origem dos alunos/as é a periferia da cidade, pensar em processos de ensino-aprendizagem que coloquem o lugar em que nasce ou vive, no centro da discussão, abre espaço para que os próprios discentes se tornem agentes críticos das estruturas sociais que foram historicamente criadas, de forma a rever a importância de centro e periferias.

É importante frisar que estamos localizados em Ouro Preto, cidade que foi palco da escravização de pessoas negras e genocídio de indígenas por muitos anos. Se hoje o turismo é forte por seus grandes edifícios arquitetônicos isso se deve ao trabalho de pessoas que foram

brutalmente escravizadas e subalternizadas perante a sociedade da época. Logo, as pessoas que hoje vivem nas periferias, nos chamados morros de Ouro Preto, são provavelmente descendentes daquelas que passaram por esse processo que assombra a história da cidade e do país. Então por quê elas não se sentem pertencentes em locais que foram construídos com o esforço de seus antepassados? Como o(a) docente pode trabalhar nas aulas de Artes para que os discentes façam reflexões acerca do seu lugar no mundo? E que eles podem e devem ocupar esses espaços?

A proposta de trabalhar questões de pertencimento com o(a)s aluno(a)s tem como vertente observações e análises explícitas, não somente nas escolas, mas também no próprio DEART e na universidade, uma vez que, a cada período que se inicia encontra-se uma média de somente um estudante ouro-pretano(a) por turma, inclusive, várias vezes não houve registro da presença de nenhuma pessoa dessa região. Esta situação demonstra, de forma lastimável, como as instituições de ensino superior públicas ainda mantêm um padrão elitizado de discentes, embora já existam políticas de inclusão social. Muitas mudanças têm sido feitas para tornar a universidade inclusiva e há, ainda, muito o que se pode fazer para uma maior inclusão, além das leis de cotas – a Lei nº 12.711/2012 – que garante vagas em instituições de ensino superior pública para aqueles que estudaram durante os três anos do Ensino Médio na rede pública de ensino. Dentro desta porcentagem, a metade do percentual é reservado para estudantes de baixa renda familiar e, também, vagas para candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas. A partir do ano de 2016 a lei de cotas incluiu Pessoas com Deficiência (PcDs) em suas vertentes, com a Lei nº 13.409/2016<sup>2</sup>.

## **METODOLOGIA**

Dentre as atividades propostas, são apresentadas, mais especificamente, aquelas em que houve maior debate e envolvimento do(a)s aluno(a)s em relação a temática escolhida – a noção de pertencimento à cidade e história de Ouro Preto – para que se possa observar, um pouco mais, por meio do olhar discente, o que tanto os incomodam em seu dia a dia em relação à cidade e ao espaço escolar.

Na aula do dia sete de fevereiro de 2023 foi o momento do primeiro contato com a EEDPII e como proposta para um primeiro dia foi iniciado um debate sobre “O que é arte?”. As respostas foram muitas e variadas, porém algo se tornou evidente. Em nenhuma das turmas,

---

<sup>2</sup><https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13409-28-dezembro-2016-784149-publicacaooriginal-151756-pl.html>

discente algum optou por colocar em pauta questões artísticas típicas de regiões periféricas. Por vezes citaram a música, porém sem citar o *funk* e o *rap* na lista. Filmes e peças de teatro também foram colocados como exemplos, porém, o grafite não foi incluído.

Após uma longa conversa sobre a variedade e amplitude do que é considerado arte, houve respostas de uma maior compreensão do quadro mais completo desse universo. Foi levantado pelo(a)s aluno(a)s a falta de projetos artísticos nas comunidades. Segundo ele(a)s, quase nada é desenvolvido ou levado até os bairros em que moram e, sendo assim, se quiserem frequentar os eventos artísticos de Ouro Preto precisam se locomover até o centro histórico, que é onde quase tudo acontece. Com todos os relatos levantados, logo na primeira aula, ficaram claras as dificuldades em considerar a “arte boa?” (sendo assim nomeada pelo(a)s aluno(a)s), aquilo que consomem na comunidade. Falta incentivo e investimento para o desenvolvimento de projetos e ações nos bairros e distritos para que se sintam pertencentes à cidade. Os bairros ainda são vistos como lugares onde vive a chamada “mão de obra”, ou seja, aquela que movimenta os serviços mais desvalorizados e subalternizados, pouco ou mal remunerados na cidade, em espaços de trabalhos ocupados por quem não seguiu a escolarização, ou apenas concluiu o Ensino Fundamental.

Seguindo a proposta do planejamento de ensino, foi realizada uma atividade do *Coolkit - jogos para a não violência e igualdade de gênero*<sup>3</sup>. O jogo “Bola”, onde uma bolinha é arremessada para cada um(a) do(a)s aluno(a)s da sala, de forma que são intercaladas às questões “As mulheres são...” e “Os homens são...”. As respostas devem ser imediatas e anotadas no quadro para um debate que ocorre a seguir. A partir das palavras levantadas pelo(a)s aluno(a)s acontecem grandes debates acerca das questões da desigualdade social e de gênero, de forma que o debate acontece de forma produtiva e estimulante.

É de importância ressaltar que, na grande maioria das vezes, os homens que se encontram nas turmas não sabem responder porque se sentem superiores às mulheres e muitas mulheres optam por não defenderem seus pontos de vista em relação ao debate. Um momento marcante foi quando, no terceiro ano Reg 3 um do(a)s aluno(a)s resolveu se pronunciar. Este aluno é surdo, sendo assim, contou com o auxílio da sua intérprete de libras que traduziu para o(a)s demais seu pensamento. Segundo ele, as mulheres têm que ficar em casa cuidando dos filhos, enquanto o homem sai para trabalhar e trazer o sustento financeiro. Quando questionado, disse que na

---

<sup>3</sup> Coolkit - Jogos para a Não-Violência e Igualdade de Género  
Concepção Graça Rojão, Tânia Araújo, Ângela Santos, Sónia Moura, Rosa Carreira  
<http://cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/coolabora/coolkit.pdf>

sua família sempre foi assim. A grande questão analisada foi, como o(a)s aluno(a)s ainda carregam o estigma do machismo estrutural enraizado de forma tão profunda, bem como a valorização e organização da sociedade a partir de quem detém o poder financeiro em várias esferas.

Como forma de trabalhar a noção de pertencimento com o(a)s aluno(a)s, uma proposta interessante foi dividir a turma em grupos menores, de forma que criaram cartazes, com desenhos, frases ou palavras avulsas que descrevessem quatro ou mais lugares da cidade aos quais se sentem pertencentes, além de quatro ou mais lugares aos quais não possuam essa sensação. Por vezes os locais de não pertencimento acabaram se repetindo entre os grupos. Esse foi o caso de uma das turmas aqui já citadas, que pontuaram como lugares de não pertencimento: museus, restaurantes, teatros, entre outros, que se localizam no centro histórico de Ouro Preto, sendo apontados como locais distantes de suas realidades. Quando questionados a resposta era quase sempre a mesma: “\_Não temos costume de ir lá”, “\_Não gosto de museu”, “\_Ali não tem nada que me interesse”. Apesar dos posicionamentos, por vezes eles concordavam que sempre faltaram oportunidades para fazerem visitas guiadas, ou mesmo que não se sentiam acolhidos nestes espaços, os quais são considerados serem lugares somente para “gente rica”, como assim disseram.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando falado sobre o aumento significativo da evasão nas escolas, diversas explicações surgiram: por vezes o que é ensinado não é de interesse de jovens que acordam, todos os dias de manhã para estudar e, em seguida, vão trabalhar para ajudar no sustento da família. As disciplinas Química, Física, Artes, entre outras matérias, se tornam desnecessárias aos olhos cansados de muito(a)s e o sistema de avaliação, que transforma o aprendizado discente em somente, mais um número no resultado de uma prova, ao trazer frustrações quando as metas não são alcançadas. É como se todo o conhecimento discente, em relação às demais experiências da vida que ocorrem fora da instituição escolar, fossem ignorados e insignificantes, o que não deveria acontecer, já que a escola deve ser a base preparatória para vivências presentes e futuras. Paulo Freire há muito levantou tal temática:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes popularmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a



razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1997. p.17).

Com salas em superlotação e estruturas defasadas das escolas, a luta se torna cada vez mais difícil e presente. Bell Hooks em sua obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*, nos contempla com uma perspectiva de compartilhamento, conforto e liberdade dentro de sala de aula entre o(a)s aluno(a)s e os professore(a)s, em prol de um desenvolvimento e de uma interação que possibilite a aprendizagem. Essa metodologia vai além de carteiras enfileiradas e provas que medem a capacidade e inteligência dos alunos, colocando um novo ponto de vista para uma educação de qualidade.

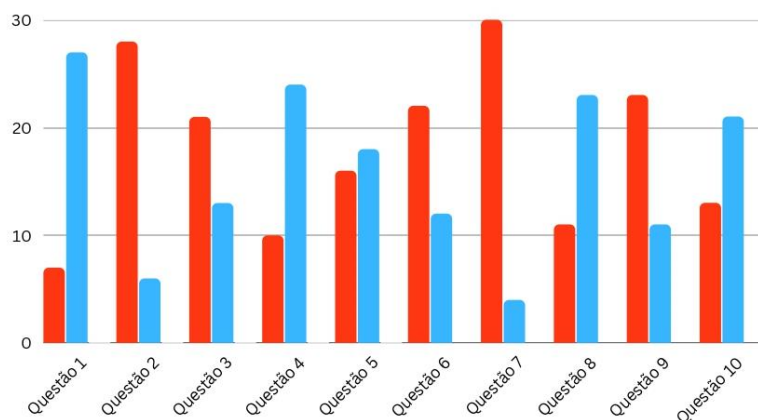
A avaliação processual mostra um novo olhar para que paradigmas e dificuldades sejam enfrentadas de forma mais leve. Esperar que todo(a)s os aluno(a)s aprendam e se desenvolvam da mesma maneira é um pensamento hipócrita e tendencioso. Os resultados na prática durante as provas se mostram claros e repetitivos. Nenhuma pessoa é exatamente igual a outra, não é de se esperar que isso seja diferente entre um corpo discente de uma escola, como se pode notar nos gráficos e tabela referentes a uma turma de Terceiro ano do Ensino Médio que possui trinta e quatro aluno(a)s:

### **Avaliação Diagnóstica: 3º ano REG 1**

| NOTAS | QUANTIDADE DE ALUNOS |
|-------|----------------------|
| 2,0   | 05                   |
| 3,0   | 05                   |
| 4,0   | 05                   |
| 5,0   | 05                   |
| 6,0   | 05                   |
| 7,0   | 05                   |
| 8,0   | 03                   |
| 9,0   | 01                   |

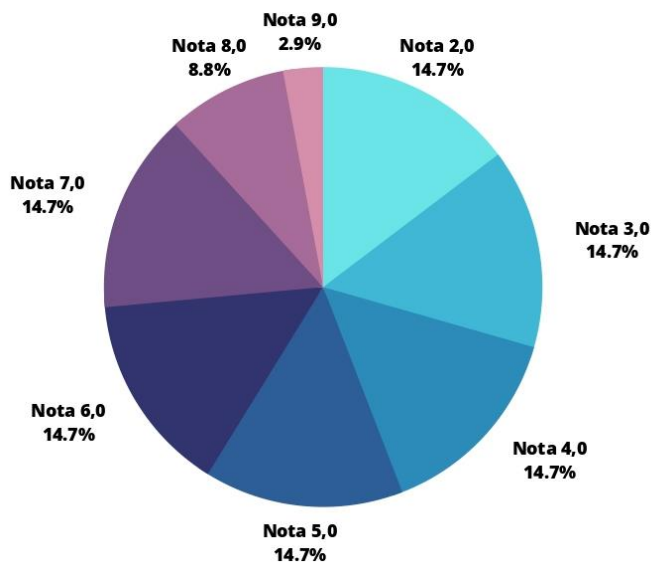
Fonte: A autoria de Bárbara Gonçalves

**Acertos Erros**



Fonte: Autoria de Bárbara Gonçalves

### Média de notas da turma



Fonte: Autoria de Bárbara Gonçalves

As tabelas e o gráfico representam resultados de uma prova turma de terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Dom Pedro II. Os dados são referentes a uma prova diagnóstica ao qual foi dado no início do primeiro bimestre letivo de dois mil e vinte três. As notas atingidas mostram um grande problema vivenciado não apenas pelos alunos desta turma em específico, mas por milhares de alunos de outras escolas: Iniciar um ano letivo sem ter de fato desenvolvido e aprendido o conteúdo do ano anterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma cidade como Ouro Preto, que carrega em sua história as marcas por crueldade do período colonial, com o sofrimento de pessoas negras que tiveram seu sangue derramado

durante a escravização, isso não é algo que pode ser apagado dos debates educacionais contemporâneos. As comunidades periféricas localizadas no alto dos morros sofrem as consequências de uma imensa desigualdade que se arrasta desde os primórdios, inclusive em decorrência do sistema imperialista que o instaurou, com a tardia e equivocada “abolição da escravatura”.

O centro histórico possui suas belas casas e atrações turísticas, mas, tenta mascarar os demais territórios pertencentes à cidade, escondendo aquilo que não é belo aos olhos da burguesia, que somente vê o cidadão periférico de Ouro Preto quando é servido à mesa de algum restaurante chique, no qual se percebe nitidamente a diferença em que se encontram nestes mundos tão opostos. Tal situação reflete, assim, nos jovens que crescem perante este racismo estrutural velado, trazendo a incompreensão dos seus direitos legais, tal como o direito à educação pública e de qualidade. Há, então, a necessidade de falar sobre o racismo, de forma mais aberta, nas salas de aula, de uma maneira mais compreensível para todo(a)s, assim como podemos entender a partir da pesquisa de Djamila Ribeiro 2019, pesquisadora e filósofa que reflete sobre questões do feminismo negro em comunidades populares.

Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos— mais grave é não reconhecer e não combater a opressão (RIBEIRO, 2019. p.11).

Enquanto processo de melhorias por parte da administração municipal, projetos com maior distribuição pela cidade deveriam ser iniciados ou reforçados, inclusive as festas mais populares que trazem o signo da resistência de pessoas afro-brasileiras. O incentivo na educação escolar e extra escolar é uma maneira de acolher e aumentar o interesse em certas especificidades de arte e de ensino, pois, assim se consegue alcançar diversos subgrupos da população. Oficinas de artes, danças, palhaçaria, artesanato, culinária, entre tantas outras, trazem a educação em sua forma mais plena e agradável. Em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire 1997 também ressalta:



Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significados (FREIRE, 1997. P.50).

Destarte, é de se considerar que a própria UFOP tem demonstrado um posicionamento inclusivo em seus projetos, ainda a ser melhorado e ampliado com as políticas públicas de inclusão, novamente nas pautas governamentais. Ao realizar grandes eventos, como o Festival de Inverno, a Universidade traz somente o mínimo em contato com os extremos da cidade e distritos, com exceção do ano de dois mil e vinte e três, que trouxe em sua programação uma variedade de artistas locais.

A Mostra de Profissões é um evento importante de aproximação da universidade para adolescentes, jovens e adultos da região. Muitos outros dispositivos da Arte e a Cultura de Ouro Preto são comerciais e excludentes, por vezes com o apoio da prefeitura. Ao serem contratadas atrações de outros lugares e importando artistas para seus eventos, sem pensar em investir mais profundamente no que é local, não apenas como “show do intervalo” que é o que vem ocorrendo em muitas apresentações da própria cidade.

A ideia de educação e formação inclusiva parece incomodar as pessoas que têm domínio financeiro, econômico e político, a saber, as elites excludentes. Mudanças são necessárias e nada é impossível de ser conquistado a começar pela educação básica e de qualidade como vem sendo a proposta do Programa Residência Pedagógica em parceria com as universidades, pela UFOP, de forma que é uma alegria poder participar enquanto residentes implicados nas políticas inclusivas e beneficiados por elas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 8.069/1990**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras disposições. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul.1990.

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)

Acesso em: 20/04/2023.

Brasil. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)

Acesso em: 20/04/2023.

Brasil. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer a obrigatoriedade de exame de corpo de delito, direto ou indireto, nos casos de crimes que especificam. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 dez. 2016. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2016/lei/113409.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/113409.htm)

Acesso em: 20/04/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

HOOKS, Bell; *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade / tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirrascita.** 1ªed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.

ROJÃO, Graça. et al. **Coolkit: jogos para a não-violência e igualdade de gênero.** Covilhã: Coolabora, 2011